



## A Leitura nos Ambientes Digitais sob a Ótica da Educação Superior<sup>1</sup>

Robéria Nádia Araújo NASCIMENTO<sup>2</sup>

Verônica Almeida de Oliveira LIMA<sup>3</sup>

Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB

Faculdade Reinaldo Ramos, Campina Grande, PB

### Resumo

Este trabalho enfoca as práticas de leitura dos estudantes do ensino superior na esfera do ciberespaço. Através da confluência de métodos quali-quantitativos, via aplicação de questionário e levantamento bibliográfico, expomos argumentos que corroboram as transformações provocadas pela denominada cibercultura. Para tanto, abordamos as práticas de leitura e suas implicações na formação dos indivíduos do ponto de vista histórico, social e educacional; em seguida, discutimos os aspectos que as perpassam e seus impactos na construção do conhecimento. Mediante relatos de experiências de alunos dos cursos de Direito e Comunicação Social, habilitação em Publicidade e Propaganda, da Faculdade Reinaldo Ramos, verificamos a influência do computador no processo de leitura e no desenvolvimento das habilidades cognitivas dos sujeitos.

**Palavras-Chave:** leitura; internet; cibercultura; ciberespaço

### Palavras Iniciais

Partindo da premissa de que a capacidade de aprendizagem dos seres humanos é um processo ininterrupto de compreensão da realidade, o ato de aprender está atrelado a uma construção permanente do conhecimento e esta, por sua vez, depende, sobretudo, de uma reforma cognitiva dos sujeitos sociais que impulse a criação de projetos de (in)formação capazes de inspirar aprendizagens reconstrutivas. Hoje, tais processos ocorrem no âmbito social e seus múltiplos espaços, principalmente através das novas possibilidades de leitura pela internet, formatando um cenário de virtualidades.

Na trilha deste raciocínio, que situa as práticas de leitura como partes essenciais das habilidades cognitivas dos sujeitos, entendemos que no momento presente se verifica os contornos de uma dinâmica comunicativa que incide no âmbito coletivo, através dos dispositivos de convergência digital, sobretudo devido à penetração das novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) no domínio da esfera pública. As TICs produzem um efetivo fluxo evolutivo que se mostra pertinente aos atos de *conhecer* e *formar*, permitindo que a inteligência humana seja influenciada pelos

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 06 – Interfaces Comunicacionais do Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba. Professora titular do curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo, da Universidade Estadual da Paraíba, integrante do grupo de pesquisa “Comunicação, cultura e desenvolvimento”. E-mail: [rnadia@terra.com.br](mailto:rnadia@terra.com.br)

<sup>3</sup> Mestre em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba. Coordenadora do curso de Comunicação Social, habilitação Publicidade e Propaganda, da Faculdade Reinaldo Ramos. E-mail: [veronicajornalista@yahoo.com.br](mailto:veronicajornalista@yahoo.com.br)



processos gerados por esta nova realidade, impulsionada pela internet, provocando no meio social as denominadas “*metamorfoses*” (ASSMANN, 2005). Estas interferem diretamente na comunicação e nos processos da aprendizagem, modificando sobremaneira não apenas a subjetividade das relações sociais como também a concepção tradicional de educação, anteriormente circunscrita aos ambientes escolares. Desse modo, percebemos que as atividades de apreensão do conhecimento, em função das diferentes habilidades leitoras, têm sofrido significativa alteração nessa sociedade tecnológica.

Para Lévy (1998), é um fato inegável que a virtualidade oferecida pela internet multiplica as possibilidades de formação dos indivíduos através do trânsito veloz de informações e das condições de acessibilidade temática. Hoje, o ato de dizer, que já foi próprio da comunicação oral e escrita, assume valor diferenciado: todos podem escrever, produzir, reproduzir; instituindo assim novas condições de criação discursiva.

Para se *informar* e *formar* sujeitos conscientes e críticos, a utilização e a produção de qualquer tecnologia não podem ser atos pensados apenas num sentido instrumental, deslocados das relações sociais, educativas e culturais que os engendram. Logo, não basta transferir para a tecnologia, por si mesma, a responsabilidade de um estímulo à leitura. Martín-Barbero (1997) corrobora esse argumento, salientando que as tecnologias não são meras ferramentas transparentes: “não se deixam usar de qualquer modo; são, em última análise, a materialização da racionalidade de uma certa cultura... É possível, contudo, uma reconfiguração de sua função” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p.256). (Tradução nossa).

É importante salientar que as tarefas de leitura na sociedade, no seu sentido analógico tradicional, emergiram nas instituições familiares e foram sistematizadas ao longo do tempo pela escola, cabendo aos profissionais docentes a responsabilidade de conduzir e estimular esse processo. Se o cenário mudou, torna-se instigante pensar nas reconfigurações, apropriações e mutações ocorridas nas práticas da leitura, num tempo denominado por Lévy (1998) de “*cibercultura*”, ambiente no qual saberes e fazeres constituem os espaços virtuais e sinalizam uma comunicação horizontal que pode *formar* os seres além de *informá-los*. Perscrutando as obras do autor, encontramos as intensas transformações ocorridas na esfera da *oralidade*, da *escrita* e da *informática*, que nos auxiliam a compreender como os mecanismos técnicos/intelectuais interferem na percepção, no pensamento e na comunicação, produzindo novas culturas e novas



subjetividades, influenciando sobremaneira os níveis de aprendizagem emergentes no contexto social.

Sob este foco, as questões centrais deste texto giram em torno do universo da *comunicação* como possibilidade de *formação* humana, observando e discutindo os novos modos de leitura engendrados pelas TICs, considerando-se uma experiência desenvolvida com alunos e alunas da Faculdade Reinaldo Ramos - FARR, instituição de Ensino Superior de Campina Grande, PB, no curso de Comunicação Social, habilitação Publicidade e Propaganda, bem como no curso de Direito. Algumas indagações constituem o eixo da abordagem aqui delineada: quais as práticas de leitura que predominam hoje nos contextos universitários? Como se dá o processo de ler pela internet? Quais as estratégias de construção de sentidos que tais práticas podem mobilizar? Que tipo de leitor-universitário a virtualidade enquanto categoria contemporânea pode ser capaz de *formar*? Os textos eletrônicos incentivam, de fato, o ato de ler, ampliando o potencial cognitivo dos sujeitos?

### **O Que São Práticas de Leitura?**

A concepção de leitura aqui adotada condiz com a proposta de Silva (2003), que a entende como uma atividade estruturante do pensamento-linguagem, do conhecimento e da cultura, mediante um letramento contínuo, que visa oferecer acesso à informação e ao saber, gerando desenvolvimento social, participação política e competências que geram o exercício da cidadania (SILVA, 2003, p.13). Desse modo, o ato de ler mediante computadores implica uma atribuição de sentidos, criando uma perspectiva interpretativa para o leitor, transcendendo o pragmatismo social utilitário que prega tentativas de “adestramento” no que concerne às novas tecnologias.

Problematizar a leitura através da internet significa enfocar uma temática complexa que não se restringe à necessidade de “alfabetização digital”. Na verdade, ler através do computador representa para os indivíduos mais do que uma iniciação nos domínios tecnológicos que lhes permita lidar com a máquina. O ambiente virtual criado pelo novo suporte tecnológico exige dos leitores habilidades específicas de decodificação, compreensão, atenção e interesse que os impeçam de se perder nos labirintos das informações disponibilizadas. Assim, a internet possibilita uma perspectiva interativa, relacional e circular com a construção do conhecimento. Num momento preliminar de análise, isso permite perceber que a educação do *futuro*



extrapola os muros escolares, e não apenas se centra no ensino presencial ou na apologia dos mestres como detentores do saber.

Segundo esta ótica, conceber um processo educacional descentrado, individualizado, significa um passo inicial para a difusão de novas habilidades comunicativas capazes de despertar “*engenharias de laços sociais*” (Lévy) tanto na esfera escolar e acadêmica, quanto nas relações culturais. Para tanto, as informações trafegam na rede numa velocidade impressionante, democratizando o acesso ao saber. O autor defende que, através da criação de vínculos entre informação, aprendizagem e conhecimento de mundo, as ações de leitura podem desencadear projetos de formação colaborativos que envolvam desejos de bem-estar coletivos e competências multifacetadas. Contudo, até que ponto isso de fato ocorre? A leitura na internet é concebida como prazer, informação ou aprendizado pelos seus usuários? Essa nova dinâmica de apreensão do conhecimento, considerando as suas múltiplas possibilidades, é socialmente valorizada como um novo modo de aprender? De fato, aprende-se?

Os sujeitos humanos são responsáveis pelo uso e pelo tratamento das mensagens que compõem as organizações sociais, e são estes que também as redefinem convivendo com os avanços das “tecnologias inteligentes” (Lévy, 1998) e dos suportes digitais que estas engendram. Dessa forma, os artefatos tecnológicos motivam interações, interpretações e aprendizagens, mas é o cérebro humano e sua consciência que formatam um novo sujeito “*aprendente*” (ASSMANN, 2005), perpassado pelo fluxo complexo das informações contemporâneas.

Através da comunicação, a relação homem/mundo possibilita uma autoformação recíproca: regenera-se e produz uma ação em rede, permitindo uma consciência plural a respeito de si que, por sua vez, cria uma inteligência conectiva: aquela que faz convergir o individual e o coletivo, o humano e a técnica. Na concepção moriniana, para citarmos um exemplo, a técnica age como *linguagem mediadora* das relações e não como protagonista, sendo incorporada em diversas atividades, a exemplo da leitura, permitindo que o homem reconfigure suas metas para melhor intervir na história social (MORIN, 1998).

Realizadas tais ponderações, não se trata de desenvolver, neste texto, uma apologia tecnológica para o ato de ler, nem também de defender uma visão apocalíptica em torno das técnicas e suas implicações. Pensamos que as tecnologias inteligentes não comprovam a hegemonia das máquinas na sociedade ou dos instrumentos artificiais sobre o homem, mas podem ser capazes de promover as potencialidades cognitivas da



inteligência. Em outras palavras, buscamos aqui compreender algumas situações nas quais as práticas de leitura virtual impulsionam a habilidade humana de produzir conhecimento inteligente.

O que seria uma leitura virtualizada? A ideia de “virtual”, conforme o pensamento de Lévy (1998), é de natureza filosófica: não tem a ver com *irreal*, mas propõe dar conta de um real que se “transforma”, em oposição a um real cotidiano estático, igual ou concluído. Tal perspectiva suscita uma teoria “criacionista” que, no nosso entender, é benéfica para o campo da educação, pois sugere caminhos abertos para a criação de saberes que *formem* e valorizem as dimensões humanas, através dos conhecimentos partilhados na rede. Nesse sentido, a leitura nos ambientes virtuais, desenvolvida pelos estudantes, pode gerar aprendizagens colaborativas que, na verdade, constituem a alma do conceito de *inteligência coletiva* tão caro ao referido autor. Além dessa perspectiva, é a intencionalidade individual que parece nortear a busca pelo conhecimento nos ambientes digitais.

De acordo com este posicionamento, comunicação e leitura constituem categorias não-estáveis, que renegociam seus significados, dadas às tramas movediças e multiformes de uma sociedade em rede. No cenário da educação superior também vivenciamos os fluxos, as conexões, as convergências e divergências de um devir social que nos *enreda*. Assim, no momento em que as tecnologias se acoplam aos mecanismos da inteligência, há possibilidades de acionarem novos dispositivos de aprendizagem, nos quais o pensar gera o agir produzindo “interfaces” entre os saberes e a vida. Na tela do computador, a leitura desenvolvida pode favorecer a construção de um conhecimento mais dinâmico porque mais próximo daquele que o busca e de suas expectativas de formação.

Desde que a escrita fincou sua existência aos olhos humanos, do manuscrito aos impressos de Gutenberg, abrindo-se à interpretação, o mundo tornou-se um grande texto a ser decifrado. É a leitura que registra a palavra, que preserva a memória historicamente, atualizando a cognição humana, permitindo a pluralidade dos pensamentos. O suporte digital é uma espécie de matéria fluida, móvel, transitória, onde a informação circula em tempo real; o ato de ler pode ser simultâneo à produção informacional, produzindo uma interação que os textos impressos não alcançam por estarem separados, no tempo e no espaço, de seus receptores.

As mudanças velozes que são registradas na esfera tecnológica apontam para a evidência de que o ambiente audiovisual permitido pela internet atinja o grau de



plasticidade que fez da escrita antiga a principal tecnologia cognitiva. Nessa direção, argumenta Lévy (1998): inventar novas estruturas discursivas, descobrir retóricas ainda desconhecidas, “conceber ideografias nas quais as cores, o som e o movimento irão se associar para significar constituem as tarefas que esperam os leitores, editores e autores deste novo milênio (LÉVY, 1998, p. 108).

### **Comunicação e Ação: Possibilidades Educativas da Internet**

A comunicação mediada por computadores traz, no seu bojo, intensas transformações sociais e linguísticas. Num mundo que até pouco tempo apresentava uma hegemonia da imagem televisiva, os sujeitos sociais começaram a se deparar com outro formato de tela, além dessa, que se popularizou no cotidiano, conquistando a atenção de inúmeros usuários: a tela do computador. Surgem, como consequências do novo cenário, oportunidades de informação digitalizada, compra e venda de diversos produtos, estratégias publicitárias, espaços dialógicos nas salas de bate-papo, mecanismos de comunicação on line, como o MSN, o Orkut, os blogs e microblogs (twitter), cursos de educação a distância, sites de pesquisas voltados para públicos acadêmicos, que constituem somente alguns exemplos que permeiam a oferta disponibilizada na contemporaneidade. Os recentes dispositivos digitais penetram intensamente nos ambientes educativos e no nosso cotidiano, sugerindo ampliar a perspectiva da aprendizagem, sem limites demarcados de faixa etária, através das múltiplas possibilidades de leitura que temos ao nosso alcance.

Argumenta-se aqui que a formação superior não ocorre somente circunscrita aos limites disciplinares das salas de aulas, nem tampouco pautada nos métodos pragmáticos que induzem a repetição de conceitos. Uma formação apenas presencial parece reduzir as potencialidades cognitivas dos sujeitos educativos. Assim, o desafio que aqui nos colocamos é pensarmos esse processo no limiar tecnológico, instituindo uma dinâmica articulada entre saber e sociedade, capaz de despertar ou reconstruir inteligências, mediante a participação efetiva dos sujeitos leitores que utilizam a internet para diversos propósitos. Logo, a leitura nos ambientes digitais, no nosso entender, corrobora a ideia de que todo processo cognitivo resulta numa construção coletiva, à medida que as autonomias individuais dos/as nossos/as alunos/as são despertadas e preservadas, permitindo que estes se tornem protagonistas de suas ações aprendentes. Relacionar a comunicação com uma análise acerca dos processos de leitura em suportes eletrônicos torna-se uma tarefa instigante, capaz de colaborar, a nosso ver, com a



propagação de estratégias de construção de saberes para além dos muros escolares e acadêmicos, desmistificando que a rede seja vista apenas como entretenimento ou serviço de cunho social.

Nesse sentido, mobilizamos nossa atenção para verificar se a internet pode contribuir para a formação de uma competência leitora subjetiva, interativa e socializadora, que capacite os sujeitos não apenas para uma atuação competitiva, mas para a criticidade cognitiva que constitui o ato de aprender. Estudiosos como Morin, Levy, Silva, Assmann enfatizam que parece ser mais plausível educar “*as pessoas*”, formar seres aprendentes em potencial, para que construam raciocínios e saberes *ao longo da vida*, a partir de estratégias *subjetivas, abertas e interativas*, que privilegiem o pensar em detrimento do mero *fazer*. No nosso entender, a leitura e as novas reconfigurações que a envolvem pode auxiliar nesta instigante tarefa de (re)construção do conhecimento, a partir da ação reflexiva de cada estudante.

À luz do posicionamento destes autores, a leitura enquanto expressão comunicativa dos sujeitos e forma de manifestação de pensamentos, aguça a inteligência e esta, quando despertada, aciona o potencial cognitivo, que transcende o horizonte individual dos sujeitos sociais para reconfigurar, de modo coletivo, táticas de desenvolvimento humano e cultural. Dessa perspectiva, podemos supor que os potenciais da inteligência apontam uma predisposição para a ação do conhecer, meta que move as nossas estratégias de aprendizagem, criando novos vetores de comunicação e de sociabilidade com o mundo.

Note-se que as tecnologias situam-se no *exterior* dos sujeitos sociais, como o computador que nos permitiu produzir e registrar este texto. Entretanto, tais instrumentos também se encontram *entre* os sujeitos: são mediadores que favorecem o estar no mundo, através de coisas corriqueiras, a exemplo da telefonia móvel, da ida ao caixa eletrônico ou do encanto despertado pelas imagens tridimensionais. No nosso cotidiano, a convivência com os dispositivos técnicos e suas virtualidades também ressignificam os ambientes educativos e nos conduzem a pensar de que modo os sujeitos neles inseridos “*aprendem*” com o *imaginário* que tais ferramentas suscitam, ou se apenas as utilizam. Nas diversas instâncias sociais, essas formas de apreensão da comunicação tecnológica e suas novas produções de sentidos geram inquietações, calorosos debates e controvérsias polêmicas.

Logo, parece-nos relevante perceber como as formas de *leitura* desenvolvidas por tais sujeitos, no caso que aqui nos interessa: os leitores da faculdade mencionada



conseguem interpretar as *metamorfoses sociais* e elaboram novos sentidos para o ato de conhecer, a partir do reconhecimento das complexidades que permeiam *a cultura, a tecnologia, a linguagem, os diálogos, os valores, as afetividades*. A comunicação precisa ser concebida no âmbito de um cotidiano social que requer uma *formação humana* permanente, e não apenas privilegie a velocidade das informações (ASSMANN, 2005).

Desse modo, o desenvolvimento desta temática pode instigar potenciais cognitivos que tornem cada indivíduo protagonista do seu próprio saber. Tal realidade pode funcionar como espelho para outras instituições de ensino superior, à medida que estas se preocupem com as práticas leitoras de seus alunos e procurem analisar seus efeitos na formação destes.

### **Relatos de Experiências de Leitura em Ambientes Digitais**

Na contramão das definições de uma educação instrumental e crendo que os potenciais da inteligência não se ampliam apenas com os conteúdos transmitidos em sala de aula, planejados pelos currículos acadêmicos, argumentamos que as grades curriculares não constituem *grades mentais*. Assim, a leitura precisa ser estimulada nas salas de aula e fora delas, mediante processos educativos, sociais, tecnológicos, culturais, dialógicos que estimulem a “consciência receptiva” de múltiplas dimensões de *sensibilidade* que norteiam o ato de aprender, um ato humano que pulsa no compasso das (re)invenções cognitivas cotidianas, mediadas por múltiplos suportes e materialidades.

Destacando a importância de *ler um mundo* que flui, que se movimenta, que transcende, que provoca deslocamentos, que duvida das disciplinas e que se classifica hoje como “indisciplinado”, entendemos que aprender a ler é tarefa contínua que possibilita a liberdade do pensamento e este talvez seja o convite das tecnologias para mobilizar nossa inteligência.

Para perscrutar esta realidade, elegemos a Faculdade Reinaldo Ramos para desenvolver um estudo com alunos dos cursos de Comunicação Social, habilitação Publicidade e Propaganda e Direito. Vinte e sete estudantes foram pesquisados, sendo dezessete do curso de Comunicação Social e dez de Direito, utilizando como instrumento de pesquisa o questionário. O formulário aplicado foi organizado de forma sistematizada, constando quinze perguntas fechadas e uma aberta. As questões apresentadas buscaram, dentro de uma sequência lógica, aferir as seguintes

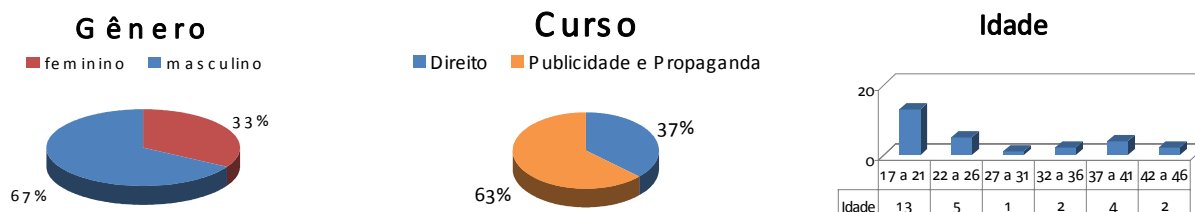




informações: existência ou não de hábitos de leitura por parte dos estudantes; tipos de materiais, produtos ou conteúdos mais lidos; frequência de leitura; local preferido para leitura; horário dedicado à leitura; o entendimento ou juízo do valor dado ao hábito de ler; tipo de leitura mais utilizado nas atividades acadêmicas; frequência de uso da internet; conteúdos mais buscados quando se acessa a internet; opinião sobre a internet se constituir ou não como fonte de conhecimento. Juntamente a estas questões, os estudantes também foram indagados sobre a idade e o sexo, além de convocados a se posicionar através da seguinte pergunta aberta: *relate como se dá seu processo de leitura na internet*.

Diante desta realidade, o processo de observação foi do tipo assistemático, ou seja, simples e não estruturado, uma vez que a escolha da amostra ocorreu sem planejamento, de forma aleatória, não intencional. Tal opção teve o objetivo de trazer para esta apreciação uma experiência casual, porém capaz de elucidar as questões pretendidas.

Como relatado anteriormente, nossos entrevistados são estudantes da Faculdade Reinaldo Ramos, sendo 63% estudantes do curso de Publicidade e Propaganda e 37% de Direito. Desse universo, 67% são do sexo feminino e 33% do sexo masculino. O grupo escolhido tem faixa etária entre 17 e 46 anos. Os gráficos abaixo demonstram esta condição:



Questionados sobre ter ou não hábitos de leitura, 70% deles disseram que sim, que têm esses hábitos, por outro lado, 30% disseram que não têm o hábito de ler:

#### Você tem hábitos de leitura?

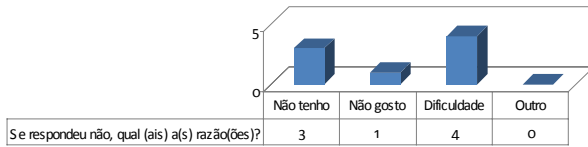


Após descobrirmos a existência ou não do hábito de leitura, buscamos entender entre aqueles que afirmaram *não tê-lo* as razões para tal fato; as pessoas que

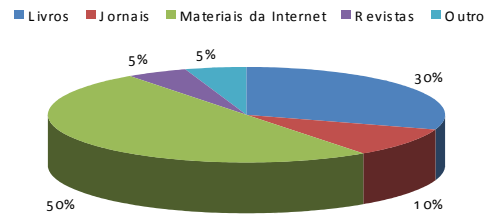


responderam sim a esta indagação, foram questionadas sobre que tipo de material preferem ler:

**Se respondeu não, qual (ais) a(s) razão(ões)?**



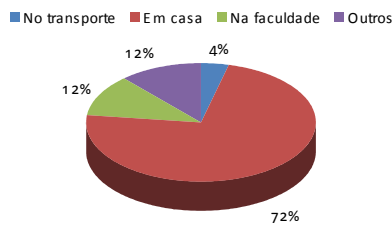
**Se respondeu sim, o que lê?**



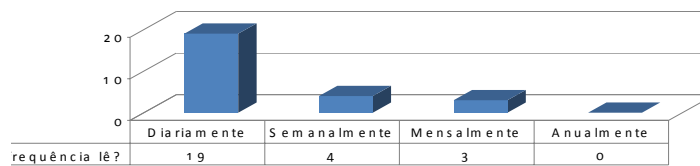
No primeiro caso, as respostas indicam que três pessoas disseram que não leem porque não têm tempo. Uma delas afirmou que não gosta de ler e quatro deram como justificativa a dificuldade de concentração. No segundo gráfico, 50% dos entrevistados apontam que têm a internet como principal fonte de leitura.

Também buscou-se descobrir a frequência de leitura dos entrevistados, assim como o local encontrado ou preferido para realizar tal atividade:

**Onde você procura ou prefere ler?**



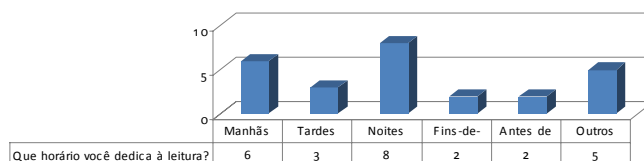
**Com que frequência lê?**



Os gráficos acima apontam que a maior parte dos entrevistados tem o hábito de ler diariamente e que o local preferido para isso é a residência. Ainda sobre este tema, 12% deles indicaram a opção “Outros” que na maior parte das vezes se referiam ao ambiente de trabalho.

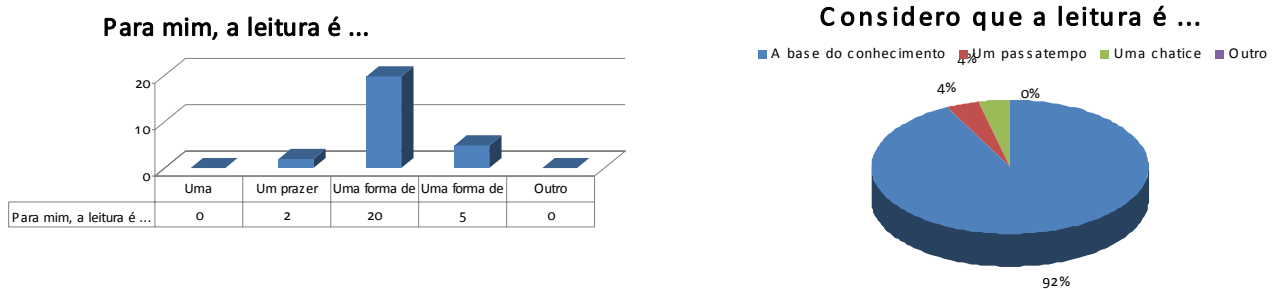
De acordo com a nossa amostra, manhãs e noites são os turnos preferidos para ler. Três pessoas dedicam a tarde para a leitura e duas preferem os finais de semana, sobretudo antes de dormir. Cinco pessoas indicaram que não possuem horário determinado para ler, apontando a opção “outros”.

**Que horário você dedica à leitura?**



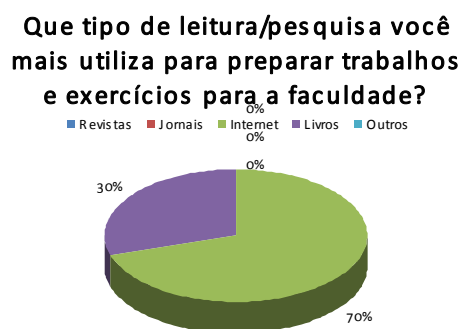
Dois perguntas semelhantes buscaram aferir coisas diferentes. Na primeira pedimos para os entrevistados completarem uma frase: “Para mim, a leitura é...” As

opções foram: *uma obrigação; um prazer; uma forma de aprender; uma forma de valorização pessoal; outro*. Esta questão trabalhou o viés pragmático da leitura. Na segunda pergunta pedimos para indicarem o valor da leitura em suas vidas. Este questionamento tenta verificar a importância que os entrevistados dão a leitura de uma forma geral. As opções apresentadas foram: *A base do conhecimento; Um passatempo; Uma chatice; Outro*. Os resultados foram os seguintes:



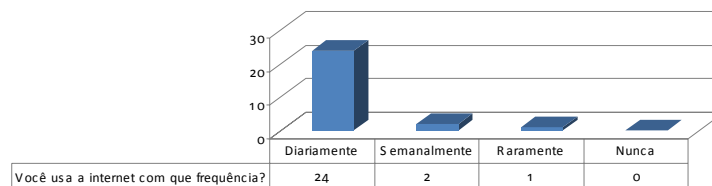
As respostas apontam uma sincronia entre o que a amostra atribui como sendo o lado prático da leitura. Ou seja, a maioria a percebe como uma forma de aprender; refletindo-se no valor que atribuem à leitura. Assim, constatamos que a temática pesquisada é entendida como a base do conhecimento.

As últimas perguntas feitas versam, especificamente, sobre o universo digital e sua relação com as práticas de leitura. Indagamos o tipo de leitura/pesquisa mais utilizado para preparar trabalhos e exercícios para a faculdade. As opções dadas foram: *Revistas; Jornais; Internet; Livros; Outros*. As respostas apontaram os seguintes índices:



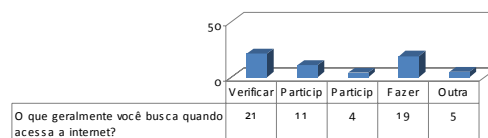
Como se percebe, 70% dos entrevistados utilizam a internet como fonte de pesquisa acadêmica. O segundo questionamento dessa categoria de perguntas foi: *Você usa a internet com que frequência?* As opções de respostas foram: *Diariamente; Semanalmente; Raramente; Nunca*. Como é possível observar, quase a totalidade de informantes respondeu que utiliza a internet todos os dias.

### Você usa a internet com que frequência?

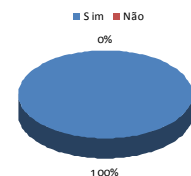


As próximas perguntas tentam indicar os conteúdos mais buscados na rede mundial de computadores e se os entrevistados consideram a internet uma fonte de conhecimento. Diante de todo o questionário, apenas a questão relacionada aos conteúdos mais acessados na internet permitiu que os participantes do estudo apresentassem mais de uma resposta. As opções respectivamente oferecidas foram: *Verificar e-mails; Participar de comunidades virtuais; Participar de chats; Fazer pesquisa acadêmica; Outra.*

### O que geralmente você busca quando acessa a internet?



### Você acha que a internet é uma fonte de conhecimento?



O primeiro gráfico indica que mais da metade dos entrevistados utiliza a internet principalmente para verificar e-mails e fazer pesquisa acadêmica. O segundo aponta que todos os entrevistados veem a internet como fonte de conhecimento.

As respostas apresentadas de uma forma geral demonstram de forma bastante clara a inserção da internet na vida em sociedade. Como vimos, o potencial de abrangência da Rede é algo que marca profundamente a contemporaneidade. Da oralidade, do papel, do filme, da fita magnética, migrou-se para um universo dominado pelo *bit*. Vive-se uma era de transição digital, onde tudo, ou quase tudo, que está inscrito no mundo *off-line* passa a ser reinscrito no ciberespaço. Portanto, não se pode mais ignorar a relação íntima entre a rede mundial de computadores e os indivíduos, configurando o ambiente que Pierre Lévy denomina de cibercultura.

A internet tornou possível o acesso rápido e fácil a informação, bases para a reconfiguração das categorias de tempo e espaço nos dias atuais. Na aceleração cotidiana, as fronteiras espaciais são aniquiladas diante do fluxo informacional no ciberespaço. Isso acontece porque a comunicação agora é instantânea, as pessoas esperam que as respostas ocorram com rapidez, pois a informação ao redor do globo



está na ponta dos dedos, ou seja: frequentemente a informação que se procura está não apenas disponível, mas também no fácil acesso de um clique. Nesse sentido, as habilidades cognitivas se alteram, ampliando-se.

E como não observar essas mudanças do ponto de vista da leitura? Segundo Santaella (2007), a própria noção de texto mudou ao longo dos anos. Hoje as estruturas digitais têm possibilitado a criação de uma lógica nunca antes explorada de leitura. Diante deste fato, também buscamos aferir como os entrevistados realizam o ato de ler na internet. Algumas respostas foram esclarecedoras e demonstram um panorama de estudantes de ensino superior num procedimento de busca por ambientes que ofereçam informação rápida e acessível.

Respostas como estas:

- Leio coisas do meu interesse e de fácil acesso, com informações objetivas e concisas [...]
- A internet veio para auxiliar e pra mim está se tornando a fonte mais acessível [...]
- O processo de leitura na internet é sempre mais fácil, eficaz, pelo fato de ser sempre mais prático e fácil de achar qualquer assunto [...]
- Só faço leituras rápidas [...]

Apontam para um cenário composto por estudantes que buscam na rede mundial de computadores a leitura não só acessível, mas fácil de ser localizada. Isso pode se caracterizar como um reflexo das estruturas digitais de criação textual híbrida, somado aos recursos que a própria internet possibilita, como a inserção de imagens, áudios, vídeos etc.. Essa nova relação com o texto tem possibilitado a criação de uma lógica de leitura diferente com consequências culturais, cognitivas e comunicacionais ainda pouco exploradas. Esse panorama parece delinear um modo particular de se produzir conhecimento, arte e informação, baseados numa leitura interativa, onde cada leitor constrói sua própria rota de leitura, caminhando pelos labirintos hipertextuais, de forma a linear.

A inquirição aos nossos informantes também oferece um horizonte a esse respeito, incluindo os produtos mais buscados por eles na rede:

- Leio tópicos e manchetes [...]
- Procuo sempre sites como terra, G1 e também sites esportivos [...]
- Leio blogs, sites de notícias e sites de relacionamento [...]
- Acesso blogs, sites de interesse para saber das notícias diárias, depois verifico meu e-mail, faço alguma pesquisa acadêmica e por último vejo alguns entretenimentos
- Costumo acessar sites de notícias estaduais e nacionais [...]
- Entro em sites como uol e msn [...]
- Leio as notícias do dia que me interessam e depois leio e-mails ou algo que meus amigos mandam [...]



- Às vezes entro em sites jornalísticos, outras vezes assuntos acadêmicos, em comunidades virtuais.

Os espaços assinalados delineiam mais um aspecto definidor da rede: seu caráter socializador. A internet, mais do que um meio de comunicação, afigura-se como um espaço de trocas de socialidades, no interior do qual se desenvolvem práticas dialogais, culturalmente determinadas e relativamente autônomas. Nesse sentido, a internet, além de gerar um vínculo socializador, ao qual o homem se alia, interagindo com gentes e ideias, produz troca de saberes mobilizando novos sentidos cognitivos.

### **Uma (Im)Possível Conclusão**

A análise reflexiva dos raciocínios apresentados pelos informantes e as práticas de leitura que desenvolvem parecem apontar a existência de um novo perfil de sujeitos sociais, educados para a percepção da inteligência, capazes de produzir descontinuidades e deslocamentos que questionam a aprendizagem linear, se esta persistir nos reducionismos de um ensino calcado nos aspectos instrumentais e pragmáticos da formação superior. Assim, ao invés de mentes passivas, que acumulam informações sem compreendê-las, localizamos processos de leitura inerentes a mentes ativas, capazes de reconfigurar as informações recebidas, transformando os processos comunicativos da internet em exercícios de formação individual permanente. Por isso, segundo Lévy (1998), a leitura é o ato de rasgar, amarrotar, torcer, recosturar o texto “para que o sentido se dobre. O espaço do sentido não preexiste à leitura: é ao percorrê-lo, cartografá-lo, que o fabricamos e o atualizamos” (LÉVY, 1998, p. 89).

Do ponto de vista dos docentes, os dados obtidos impõem essa atualização, pois precisamos promover situações interativas, extra-sala de aula, orientando-as, de modo que os alunos aprendam a aprender, potencializando as habilidades que já possuem. Daí emerge a produção de um conhecimento contextualizado viabilizando um processo *social* e *socializador*. Internalizando esse conhecimento, nossos estudantes ressignificam seu repertório cultural e recriam novos espaços de aprendizagem, utilizando a rede na direção de uma ação cooperativa. Nessa ótica, *três aspectos* caracterizam a leitura nos ambientes digitais: o aluno é o agente da busca, responsabilizando-se por seus avanços, uma vez que sua atividade mental é reconstrutiva; o saber educativo que recebe no processo formal de aprendizagem é reelaborado socialmente; a instituição de ensino, os docentes e os alunos são parceiros nos contornos das novas representações culturais que engendram. Sobressai da análise



realizada, o pensamento levyniano de que os saberes não são mais herdados pela tradição educativa, mas transformados em saberes-fluxos, entre os quais precisamos aprender a navegar “nos oceanos da internet” (SILVA, 2003), aceitando suas intempéries e flutuações.

### Referências

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação**; rumo à sociedade aprendente. Petrópolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Metáforas novas para reencantar a educação**. Piracicaba: Unimep, 2005.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**; o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1998.

\_\_\_\_\_. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 2000.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **De los medios a las mediaciones**. México: Gustavo Gili, 1997.

MORIN, Edgar. **O Método 3**; o conhecimento do conhecimento. Porto Alegre: Sulina, 1998.

RESTREPO, Luis Carlos. **Direito à ternura**. Petrópolis: Vozes, 1998.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007. (Coleção Comunicação)

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura no mundo virtual**; alguns problemas. IN: SILVA, Ezequiel Theodoro da (Coord). **A leitura nos oceanos da internet**. São Paulo: Cortez, 2003.